

DETERMINANTES DE EXCELÊNCIA NO BASQUETEBOL FEMININO: AS CONQUISTAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA PERSPECTIVA DAS ATLETAS

DETERMINANTS OF EXCELLENCE IN FEMALE BASKETBALL: ACHIEVEMENTS OF THE BRAZILIAN SELECTION IN THE ATHLETES` VIEW

Larissa Rafaela Galatti*
Roberto Rodrigues Paes**
Gisele Viola Machado***
Carlos Eduardo de Barros Gonçalves****
Antonio Montero Seoane*****

RESUMO

O escopo do estudo é a excelência esportiva, sendo objetivo investigar fatores determinantes para o desempenho de excelência da geração brasileira campeã mundial e medalhista olímpica de basquetebol feminino ao longo de anos, assim como as razões para a não manutenção de resultados expressivos na sequência. A metodologia é o Discurso do Sujeito Coletivo, sendo entrevistadas sete atletas de excelência. Foi evidenciado que é dinâmico e complexo o conjunto de fatores que resultam em desempenho de excelência, sendo determinante nesse caso: boa relação entre comissão técnica e atletas, a adequação das condições de treinamento com equipe multidisciplinar, períodos de treinamento concentrado e gerenciamento do treino desenvolvido nos clubes, a experiência do grupo e a capacidade de cada atleta de doar-se pelo grupo. Quanto ao declínio de resultados, está associado à gestão inadequada da modalidade, com pouca preocupação com a formação de treinadores e atletas, assim como aparente menor comprometimento das novas gerações com a Seleção.

Palavras-chave: Desempenho. Excelência. Basquetebol. Mulheres.

INTRODUÇÃO

No esporte a excelência é campo fértil de estudos, evocando nomenclaturas distintas e se associando a termos como “*expertise*”, “*eminence*”, “*expert performance*”, alto rendimento, elite, mestria e talento, entre outros. Neste estudo trataremos da excelência esportiva na abordagem da expertise, em que “se destacam conceitos como rendimento superior, *peak performance*, rendimento perito ou especializado, desempenho excepcional” (MATOS; CRUZ; ALMEIDA, 2011, p.28). Nesta abordagem, a importância demasiada nas habilidades naturais dá lugar à valorização da experiência.

Para Durand-Bush e Salmela (2002) e Phillips et al. (2010) são múltiplas as possibilidades de

orientar cientificamente o estudo da excelência esportiva. Este estudo é sustentado pela prerrogativa que compreender o desempenho excelente passa por compreender como os sujeitos percebem sua trajetória rumo a esse desempenho, considerando que a mesma se constrói a partir do aprendizado dos sujeitos diante do enfrentamento de seu sistema dinâmico com o sistema dinâmico da tarefa, em um dado contexto (NEWELL, 1986; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; CÔTÉ; ERICSSON; LAW, 2005; PHILLIPS et al., 2010).

Considerando que é multifatorial a manifestação do desempenho excelente, Baker, Côté e Albernethy (2003) indicam que o desenvolvimento de competências que conduzem à excelência no esporte se dá a partir do sucesso

* Doutora. Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas, Limeira-SP, Brasil.

** Livre Docente. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, Brasil.

*** Mestre. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, Brasil.

**** Doutor. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

*****Doutor. Facultad de Ciencias del Deporte y la Educación Física da Universidade da Coruña, La Coruña, Espanha.

na interação dos aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos em dois fatores fundamentais: processo de treinamento e ambiente. Para os autores, combinar quantidade e qualidade de treinamento e entorno, com técnicos esportivos adequados é essencial. Côté, Strachan e Fraser-Thomas (2008), Henriksen, Stambulova e Roessler (2010), Galatti (2010) Paes e Galatti (2012; 2013), corroboram, destacando o entorno ambiental como fundamental para excelência.

É nesse sentido que, ao destacara necessidade de um olhar complexo sobre a expertise esportiva, a literatura indica ser necessário enfocar como objeto de estudo não apenas os aspectos técnicos do desempenho, mas considerar como ponto central da investigação os sujeitos que a desempenharam – tais quais atletas, treinadores, membros da comissão técnica e dirigentes – sendo os atletas personagens centrais do processo e foco específico da investigação aqui apresentada (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; CÔTÉ, ERICSSON; LAW, 2005; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; GONÇALVES; COSTA; RODRIGUES, 2008; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010; PHILLIPS et al., 2010; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2011).

A opção por esta investigação ser centrada no atleta é reforçada pela concepção do próprio desempenho como resultante da dinâmica intrínseca dos expertos a partir de comportamentos preferíveis manifestos na interação com o ambiente, da tarefa e limites, que se manifestam de maneira única em cada contexto (PHILLIPS et al., 2010; NEWELL, 1986). Desta forma, estudar o desempenho de atletas de excelência passa por conhecer o processo de preparação e treinamento intencional e sistematizado de melhora e aperfeiçoamento a ponto de atingir o nível de excelência, assim como avançar para o diagnóstico das questões psicossociais que se estabelecem em um grupo em treinamento. Como indica estudo com atletas campeãs mundiais e medalhistas olímpicos, “athletes can take different routes, use various resources and strategies, and be innovative and creative as they develop and maintain their expertise in sport” (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002, p.169).

O estudo multifatorial da manifestação da excelência esportiva é um campo de investigação promissor, porém ainda pouco aprofundado nas Ciências do Esporte, sobretudo no contexto sul americano (BRUNER et al., 2010). Diante desse panorama, este estudo investiga, na perspectiva das atletas, os fatores determinantes para o desempenho de excelência ao longo dos anos da geração brasileira campeã mundial de basquetebol feminino em 1994 e medalhista olímpica em 1996 e 2000. A opção por estudar atletas que conquistaram tanto o mundial como uma medalha olímpica se dá por ser este um critério que evidencia a manutenção da excelência: um atleta pode manifestar um único resultado excelente na carreira, mas depois não conseguir manter esse nível de desempenho. Assim, a manutenção de resultados excepcionais é um critério importante para garantir excelência na amostra em investigações desse tipo (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; CÔTÉ; ERICSSON; LAW, 2005; BRUNER et al., 2010)

Atletas de basquetebol feminino brasileiras atingiram o ápice da excelência ao conquistar o campeonato mundial de seleções em 1994, em competição disputada na Austrália. Trata-se de um feito histórico, dado que pela primeira vez rompeu-se a hegemonia dos Estados Unidos e União Soviética neste posto. Foi também uma conquista histórica para a modalidade no Brasil, já que em nenhuma outra oportunidade sua seleção nacional feminina disputou uma final de campeonato do mundo. Para além dessa conquista, oito das atletas campeãs mundiais mantiveram o nível de excelência e conquistaram também ao menos uma medalha olímpica. Após essa geração, o Brasil não repetiu o desempenho de excelência em competições internacionais. No entanto, nenhuma investigação foi realizada a fim de identificar as razões para aquele desempenho no mais alto nível, nem para a decorrente queda de resultados na seleção nacional.

Assim, este estudo objetivou investigar, na percepção das atletas, as razões que levaram a Seleção Brasileira de basquetebol feminino a alcançar e manter o desempenho de excelência com a conquista do Campeonato Mundial e das medalhas olímpicas, assim como as

razões para a não realização de resultados dessa grandeza nas gerações seguintes.

olímpicas e (6) o Basquetebol Feminino no Brasil hoje.

MÉTODO

Participantes

Nesta pesquisa, trataremos por participantes “atletas de basquetebol brasileiras de desempenho de excelência na seleção nacional”. Para cumprir os objetivos de identificar os fatores que levaram às conquistas de excelência, tanto quanto as razões para a descontinuidade de resultados nas gerações seguintes, foram estabelecidos três critérios de inclusão de sujeitos de pesquisas:

- i- Ter sido campeã do mundo com a Seleção Brasileira de Basquetebol Feminino (critério de excelência);
- ii- Ter conquistado uma medalha olímpica (critério de manutenção de excelência);
- iii- Continuar em atividade profissional relacionada ao basquetebol na atualidade (critério para garantir que a entrevistada tenha conhecimento do contexto do basquetebol feminino nos últimos anos a fim de analisar as razões para a descontinuidade de resultados excelentes).

No basquetebol feminino brasileiro 9 atletas se enquadraram em todos os três critérios e sete aceitaram participar da pesquisa, constituindo o “sujeito coletivo” desta investigação (LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A., 2005).

Instrumento

Nesta pesquisa, de caráter qualitativo, foi utilizado como instrumento a entrevista semiestruturada, sendo indicado por permitir o resgate profundo da percepção de atletas de excelência acerca de múltiplos aspectos de sua trajetória ou desempenho (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; CÔTÉ; ERICSSON; LAW, 2005; SÁENZ-LÓPEZ et al., 2007).

Da entrevista semiestruturada, interessou para esta investigação as perguntas relacionadas aos seguintes temas: (1) Estrutura e condições financeiras dos locais de treinamento; (2) Estrutura dos treinamentos; (3) Desempenho durante a competição em si; (4) Relação da Comissão Técnica com a atleta; (5) Relação entre as atletas; (6) Repercussão da conquista do título mundial e medalhas

PROCEDIMENTOS

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, gravadas em vídeo e transcritas para análise. Na análise das entrevistas foi usada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, a fim de tornar mais clara uma dada representação social, ou seja, como pensa uma população determinada acerca de um tema específico (LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A., 2005). Os procedimentos destacados pelos autores, que organizam e tabulam os dados, são as expressões-chave (ECH), as ideias centrais (IC) e, por fim, o discurso do sujeito coletivo (DSC).

Em síntese, são quatro as etapas na elaboração do DSC: (1) Ler as respostas dos informantes; (2) Encontrar Expressões Chave (trechos de frases literais que são representativas da resposta à questão); (3) Apontar as ideias centrais; (4) Elaborar o Discurso do Sujeito Coletivo, que representa o fato social, ou seja, o pensamento coletivo acerca do tema que se investiga (SANTANA, 2008). Nesta pesquisa, as expressões-chave foram reunidas em discursos coletivos referentes a sete ideias centrais com o auxílio do software NVivo 9.2.

Nesta técnica não se procura destacar as convergências e divergências, tão pouco confrontá-las, mas sim reunir o que pensa uma coletividade especialmente homogênea. Assim, a seleção dos sujeitos de pesquisa deve ser meticulosa.

Procedimentos éticos

Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, registrado no Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, número 130008 (Brasil) e aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

RESULTADOS

Após análise das entrevistas e identificação das expressões chave, sete Ideias Centrais foram

identificadas: (1) estrutura geral e rotina na preparação e competição; (2) treinamentos relacionados ao período de manifestação da excelência (seleção); (3) comissão técnica e relações interpessoais com as atletas; (4) atletas e as relações interpessoais entre si (5) aspectos psicológicos; (6) desenvolvimento da equipe nas competições; (7) descontinuidade dos

resultados de excelência. Considerando as recomendações de Lefèvre, F. e Lefèvre, A. (2005), Santana (2008) e, a exemplo de Menezes, Morato e Reis (2015), o DSC (DSC-1 ao DSC-7) resultante de cada ideia central (IC-1 à IC-7) é apresentada no Quadro 1, sendo identificadas as procedências das falas (S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7):

Quadro 1 – Fatores de performance de excelência e razões de descontinuidade de resultados no basquetebol feminino brasileiro (IC e DSC).

Ideia Central	Discurso do Sujeito Coletivo
<p>IC-1: Estrutura geral e rotina na preparação e competição</p>	<p>DSC-1: A partir do mundial, houve uma boa estrutura de treinamento e do todo, eu acho que isso foi fundamental. A partir de 94 foi quando falaram: nós precisamos de uma nutricionista, de um preparador físico, nós precisamos de fisiologista. A gente teve várias fases do treinamento. A gente treinou, a gente viajou, fez uma parte no Nordeste, e fizemos jogos (S1), e fora isso nós ficamos quatro meses em São Roque, em hotéis, se montou uma estrutura, e fora as pessoas que trabalhavam com a gente (S2,S4). Mas a gente quase não tinha folga, viajava demais (S1, S3). Quando a gente mais treinou foi de 94 a 96 (S1). Mas eu acho que foi um treinamento bem planejado sim. Bem estruturado (S3). Para Olimpíada não mudo em nada (S5)! A preparação também foi boa. Nós fomos num grupo grande, estava mais de vinte na primeira fase, estavam fazendo um laboratório pra ver que meninas iam levar (S4) A gente conseguiu fazer mais amistosos, porque depois que nós fomos campeãs do mundo a gente teve uma melhora, conseguimos outras coisas (S1). Então eles tentaram fazer com que a gente fizesse um intercâmbio, viajasse. Às vezes não era um país adequado, mas eles tentaram aproximar a gente o máximo possível nos amistosos das equipes que a gente jogaria no campeonato (S2). Ah, foram ótimos também! Chegamos mais cedo, 15 dias antes de começar a competição (S3)</p>
<p>IC-2: Treinamentos relacionados ao período de manifestação da excelência (seleção)</p>	<p>DSC-2: Foi intensa. Foi muito gostoso, mas foi muito forte. Mas sempre vale a pena (S7). Antes de sair do Brasil foram três meses. Os treinamentos de manhã eram físicos, a tarde mais técnico/tático (S4). Preparação física e musculação, isso dava umas três horas a quatro horas pela manhã, descansava e vinha a parte da tarde, que treinava das quatro até umas seis e pouco, sete (S2,S4). Aí tinha as outras partes também, a fisioterapia e tal, era o dia inteiro. Tudo era muito específico, cada um tinha sua programação (S1). O preparo físico eu acho essencial. A gente treinou 4 meses e não via ninguém reclamando, e era um preparo físico pesado, difícil. Porque a parte de treinamento de quadra eu lembro, mas lembro pouco. (S3). O teste da esteira! Só que o teste da esteira era muito temido (S6)! A gente treinou demais em 94, demais, demais mesmo. Era treino, bola, correr e musculação, era muita coisa, mas teve recompensa, a gente chegou lá voando. (S1). Então eu falava, brincava “gente, porque tudo isso?”. Aí depois a gente viu, mais pra frente, que deu resultado mesmo (S2). Você podia unir aos exercícios aeróbicos com bola! E isso foi evoluindo. Vir a ser campeã do mundo essa geração, foi a partir do momento em que a equipe introduziu em todos os clubes o mesmo sistema de treinamento pra que quando a gente chegasse na Seleção a gente tivesse todo mundo no mesmo nível. Foi uma grande evolução, uma preparação incrível! Como num tinha dinheiro pra gente fazer intercâmbio (<i>no mundial</i>), a gente treinava contra os meninos, infante, juvenil (S3). Então a gente fez vários amistosos, eu vendo o ginásio lotado porque era maravilhoso, a gente jogar no Nordeste era lindo de se ver (S6)! Para Olimpíada, seguii a mesma linha, porque o técnico foi o mesmo e a comissão dele (S1). O segmento do treinamento foi praticamente o modelo foi o de 94, porque ter uma seleção campeã, vencedora, não vai mudar muita coisa, deu certo, né? E só a diferença que nós fomos treinar em São Luis do Maranhão, nós ficamos muito tempo no Nordeste (S4).</p>
<p>IC-3: Comissão técnica e relações interpessoais com as atletas</p>	<p>DSC-3: O que me surpreendeu foi o nome do treinador! Porque é um cara que eu nunca tinha visto na minha vida, era uma cara que nunca dirigiu um feminino! A sorte deleé que ele deixou a gente jogar! O preparador físico e nosso assistente que era quem treinava mesmo o time, que conhecia as jogadoras. E o técnico, óbvio que a condução foi dele, mas ele deixou a gente criar, deixou a gente jogar livre, deixou a gente dar palpíte. E o coordenador técnico, ele era o cara que mexia com a nossa cabeça, que deixava mensagens, mas era uma coisa muito espontânea. (S5)! Uma das coisas inovadoras, a partir de 91 começou a introduzir já um processo de mentalização, de relaxamento no grupo (S3). O grupo se fechou em um objetivo comum, que pra conseguir algo a mais, a equipe que trabalhou com a gente (S2). De 94 até 96 mudou pouco (S1).</p>

Continua tabela 1...

Ideia Central	Discurso do Sujeito Coletivo
<p>IC-4: Atletas e as relações pessoais entre si</p>	<p>DSC-4: Sempre me dei bem com todas as meninas, nessa época a seleção não mudava muita gente (S1; S7) E eu acho também que a união das jogadoras mais velhas tentando conseguir conquistar algo coletivo em si e fora isso nos quatro meses em São Roque (S4), a gente quase não tinha folga, viajava demais, foi uma família ali (S1) E super tranquilo (S7), era um relacionamento entre as mais velhas e as mais jovens, era um relacionamento bom (S6). Mas foi...eu acho que a gente ganhou esse Mundial nem foi ali no mundial, foi numa construção que vinha há anos a nossa idade também contribuiu muito! A gente estar mais madura, deixar de pensar um pouco cada um no seu umbigo e pensar no conjunto e de que a gente seria uma geração talentosa e que não ganhava nada! Ali você está pra jogar, então eu acho que o grande foco foi mesmo o pódio! Eu acho que muita das experiências que a gente tem negativas e positivas, é todo esse processo da nossa geração construindo isso acho que foi importante! A gente começou a entender que era isso, sem o coletivo a gente não ia chegar! Eu acho que essa harmonia mesmo que o grupo passou a incorporar, pela própria maturidade nossa (S3). Elas são ícones do basquete, mas treinar igual a ela treinou, eu nunca vi. E ser líder como a outra foi, também nunca vi (S1). Eu recebo conselhos da Hortência e da Paula, quero mais o que? Tem um melhor prêmio? É o que eu falo, não tem. Não é porque não eu não estou todo o tempo com elas que não vou ter consideração. Tenho certeza que passo alguma coisa pra elas também. Isso pra mim é amizade, é fidelidade (S7)</p>
<p>IC-5: Aspectos psicológicos</p>	<p>DSC-5: Ansiedade? Tem. Ansiedade, muita. Você tem um monte de sentimento. Você fica nervosa, você quer que chegue logo o momento, você fica ansiosa (S2, S4). A gente abre mão de muita coisa, renuncia muita coisa (S1,S3, S6, S7) eu era muito determinada no que eu buscava (S1, S5), não era fácil você sair da sua casa, você fica com mais doze mulheres, você fica fora da sua casa, você não vê sua família, você treina, treina, treina (S1) E eu gostava de treinar assim, eu sempre gostei, as vezes estava cansada, mas não de fazer corpo mole quando estava dentro de quadra (S6).E a gente tinha vontade de desistir, mas logo no outro dia acordava, falava “não, vamos treinar mais (S3)! Mas não tem coisa melhor pra cabeça que o treinamento! Que você se sente segura, toda segurança vem do treinamento! Você chega na competição bem! Caindo bola, correndo, voando baixo, não tem psicológico melhor que isso. Aquela coisa de você fazer as coisas com paixão. E eu acabava o treino e eu ficava lá! Porque gostava (S5)!Para o mundial, eu acho que o Pan-americano também foi fundamental pra dar essa confiança, levantar um pouco a moral do grupo, a autoestima (S3). Quando você é atleta você quer ganhar (S7), e chega um momento da sua vida como atleta que você tem que começar a buscar coisas que agreguem a sua evolução! A partir de 91 começou a introduzir já um processo de mentalização, de relaxamento no grupo e que nem todo mundo absorve né! Resolve muito (S3)! No mundial foi muito engraçado mesmo a preparação, as palavras, o quadro que escreviam palavras de força. Os exercícios de mentalização, tipo o ponto fraco, o ponto forte do jogador, quando ele está emocionalmente irritado que você tem que jogar também com a emoção da pessoa, né!? Com o psicológico da pessoa. Isso influi muito (S4). Mas assim, já na Olimpíada, até chegar lá, você não imagina (S6), e a gente tinha um peso a mais, porque éramos as campeãs mundiais que precisavam chegar no pódio (S1). E realmente, as majorias das pessoas falam que foi uma medalha de prata com um gostinho de ouro, com certeza (S1,S2, S5). O Brasil nunca tinha ganhado nenhuma medalha, foi alucinante ganhar a medalha e a gente foi reconhecida, de momento, mas tudo bem. E olimpíadas todo mundo está voltado para aquilo, eu acho que a gente teve muito mais reconhecimento nas olimpíadas do que no mundial, porque mundial o povo nem sabia o que estava acontecendo (S1). Foi maravilhoso, nós saímos de carro de bombeiro (S4) Sidney, Hoje eu sou valorizada,A gente fez parte da história do basquete (S7). A gente curtiu bastante, nós somos mulheres valorizadas que fizeram esporte, que sempre a gente ser reconhecida como ex-atleta (S3)!</p>

Continua tabela 1...

Ideia Central	Discurso do Sujeito Coletivo
<p>IC-6: Desenvolvimento da equipe nas competições</p>	<p>DSC-6: Aí em 94 nós tivemos na Austrália, o retrospecto dos mundiais anteriores era catastrófico; 10º., 11º., 12º (S1, S3)! Ninguém acreditava que a gente pudesse chegar a uma final e muito menos ser campeã, nem nós acho (S3, S6, S7)! Nós chegamos acho que um mês antes e fomos fazer um amistoso com a Seleção B da Austrália né! A gente perdeu feio! Nós falamos “nossa, como que vai ser esse Mundial então né (S7)!” a gente chegou muito mal assim, ganhando no sufoco pra passar pra segunda fase! Na segunda fase aí o time já começa a se entrosar, harmonia acabou acontecendo durante a competição! Eu acho que a despretensão fez com que a gente jogasse descontraída, eu acho que essa foi a grande vantagem (S3)! Nós fomos avançando e de repente semifinal contra os Estados Unidos. Nós fizemos um jogo brilhante com prorrogação e fomos à final contra a China, e assim, a gente não tinha ideia do que estava acontecendo, nós fomos campeãs e não tínhamos ideia da proporção que aquilo poderia se tornar na nossa vida. E não deixavam terceiros influir, a união das jogadoras mais velhas tentando conseguir conquistar algo coletivo em si (S4). Foi uma coisa que realmente foi a diferença. A ponto de todo mundo estar tão focado em um objetivo, que nada extra importava. O preparo físico foi essencial para mim. Agora eu acho que o grupo, a união, foi muito grande (S2)., Mas eu acho que a gente ganhou esse Mundial nem foi ali no mundial, foi numa construção que vinha já há anos, a nossa idade também contribuiu muito! A gente estar mais madura, pensar no conjunto, seríamos uma geração talentosa e que não ganhava nada! E eu acho que o Panamericano também foi fundamental pra dar essa confiança (S3). Nas Olimpíadas todo o mundo já respeitava o Brasil, não era mais como no Mundial, que nós éramos meras desconhecidas. O Brasil já era respeitado internacionalmente (S2). Mas Olimpíadas é diferente porque todo mundo está lá. Como a gente foi o último jogo das Olimpíadas, é outro clima. Porque o país está voltado, assistindo aquilo. Diferente do Mundial, que cada esporte joga em um período. Se você gosta de basquete, você assiste, se não, você não assiste. Agora as Olimpíadas é um espírito que mexe com o mundo inteiro, então está todo mundo (S2). A gente tinha um peso a mais, porque éramos as campeãs mundiais que precisavam chegar no pódio, pra não ser uma fatalidade, tipo, vocês foram campeãs porque deu sorte, então ali a gente tinha que provar que merecia (S1). E era usar toda a experiência de Barcelona, que foi um fracasso; a gente chega nesta Olimpíada com uma medalha de ouro no Mundial, totalmente já calejada, todo mundo focado com o que nós não deveríamos fazer que tínhamos feito em Barcelona. Eu acho que isso foi fundamental! Essa consciência, esse equilíbrio, essa maturidade do grupo. E era como a última chance também de “vocês querem uma medalha olímpica é agora, não vai ter outra chance!” E foi o que aconteceu (S5)! E eu participei de 3 olimpíadas, a minha terceira em Sidney, que era um desafio, porque já não tinha mais Paula e já não tinha mais Hortência, a pergunta era:será que a gente sem elas consegue alguma coisa? Porque indiscutivelmente elas são os ícones do basquete brasileiro e com um grupo unido, a gente conseguiu a medalha, então pra mim em especial foi muito gratificante, marcante porque houve o envolvimento de muita gente, a gente se doou demais (S1). A gente ganhou a medalha de bronze, que ninguém esperava: “Ah esse time novo”(S7)!</p>
<p>IC-7: Descontinuidade dos resultados de excelência</p>	<p>DSC-7: Acho que em 94 foi o grande erro do basquete feminino. Ao mesmo tempo que foi bom, porque a gente ganhou, foi um grande erro em termos de ação, de massificação que não teve, a gente já pecou ali (S7). Foi em julho que a gente voltou, e eu acho que ia começar a Copa do Mundo. Então todas as atenções estavam voltadas para o futebol, e eles também foram campeões nesse ano e só se falava de futebol (S2; S5, S6). Foi uma pena que os nossos dirigente não souberam aproveitar e foi uma pena, porque eu acho que tinha tudo para até hoje estar dando sequência (S3, S5), essa geração paga muito pelo descaso dos anos, muitos anos, sobrevivendo de falta de gestão, de qualidade de gestão (S3).Para aquilo que foi e o que é hoje...triste. Teve um buraco, um lapso aí uns anos e agora estão pagando por isso (S4) Eu acho que infelizmente, não sei se a gente vai ter esses títulos novamente (S2, S4, S7). Não foi um ponta pé pra se aproveitar esse momento do basquete feminino e reestruturar a modalidade. Nós continuamos tendo os mesmos problemas de gestão da modalidade! Da mesma forma que a gente esqueceu de preparar as novas gerações, a gente esqueceu de preparar os treinadores (S3). Eeu acho que as jogadoras se disponibilizavam mais, gostavam de fazer, tinham prazer de fazer isso horas e horas. E isso é difícil, o objetivo, o que eu sinto falta hoje, muitas vezes, é disso: se sacrificar por um grupo (S4). Na época que eu treinava com mais experientes, eu estava feliz em estar ali aprendendo com elas. Talvez hoje a mentalidade seja diferente, o respeito seja diferente nesse quesito, não é como antes, eu vejo comprometimento diferente do que era na minha época. Hoje tem mais distração, o objetivo de cada atleta. Porque hoje eu vejo que muitas meninas querem o que: fazer faculdade; é lógico que é a coisa que manter ela pra vida toda, né. Então quer se manter só quatro anos para pagar os estudos. Na nossa época não, quase ninguém estudava, porque era realmente focada no basquete, o que estava errado também (S6).</p>

Fonte: Os autores.

DISCUSSÃO

As percepções de cada atleta de excelência quanto à conquista do Campeonato Mundial de Basquetebol e duas medalhas olímpicas pela seleção feminina do Brasil foram resgatadas e evidenciaram múltiplos fatores determinantes para essa conquista, a exemplo de outros estudos sobre excelência no esporte (NEWELL, 1986; GOULD; DIEFFENBACH; MOFFETT, 2002; BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; ERICSSON; LAW, 2005; SÁNCHEZ et al., 2006; ARAÚJO, 2007; SÁENZ-LÓPEZ et al., 2007; FEU et al., 2008; BRUNER et al., 2010; FERREIRA; MORAES, 2012).

O primeiro fator de destaque é a melhoria das instalações para hospedagem e treinamento nas fases de concentração, ainda que a logística de viagens para amistosos e competições tenha sido considerada ruim. Pelo período das principais conquistas, década de 1990, isso evidencia o processo de profissionalização do basquetebol, em que o desempenho de excelência é cada vez mais dependente de uma estrutura adequada e profissional de instalações para hospedagem, treinamento e logística de viagens (BENELLI; RODRIGUES; MONTAGNER, 2006; GALATTI, 2010; SCHIAVON; PAES, 2012). Destaque para a inserção de equipe técnica multidisciplinar, o que é considerado essencial para proporcionar o desenvolvimento integral do atleta e facilitar seu desempenho rumo à excelência, como identificaram treinadores das seleções brasileiras de modalidades coletivas (BALBINO, 2005) e treinadores de modalidade individual (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012). Atletas investigados por Durand-Bush e Salmela (2002), Sánchez (2002), Sánchez et al. (2006), Peres e Lavisolo (2006), Feu Molina et al. (2008), Leite, Baker e Sampaio (2009), Matos, Cruz e Almeida (2011), Schiavon e Paes (2012) e Schiavon et al. (2013) identificaram a mesma relevância.

Ponto de destaque foi a articulação entre seleção nacional e clubes, o que seria possível inclusive no cenário atual, uma vez que na Liga Feminina (LFB temporada 2014-2015) todas as atletas que representam a seleção no mundial de 2014 disputaram a LFB. Outra preocupação importante para o desempenho de excelência é a adequação de calendários internos e internacionais de competição, permitindo tanto o

treinamento como o repouso adequados. Essa preocupação aparece também em outras modalidades (SCHIAVON; PAES, 2012; FERREIRA; MORAES, 2012; SCHIAVON et al., 2013). Isso possibilitaria um tempo mínimo de preparação às seleções nacionais, tanto para o desenvolvimento dos componentes tático-técnicos e físicos, como dos psicológicos e relações grupais, viabilizando às atletas e equipes condições de desempenho de excelência nos principais eventos (SÁNCHEZ et al. 2006; LEITE, BAKER; SAMPAIO, 2009; GALATTI et al., 2014).

As atletas destacaram o incremento na quantidade e qualidade de treinos. Consideraram o treinamento – sobretudo físico – desgastante e excessivo; de fato, atletas costumam preferir trabalhos mais específicos, de prática da modalidade e não de melhoria das capacidades físicas (STARKES et al., 1996; HODGE; DEAKIN, 1998; HELSEN; STARKES; HODGES, 1998; CÔTÉ; ERICSSON; LAW, 2005). No entanto, houve um reconhecimento de que a equipe chegou em condições inéditas na competição, acreditando que haviam se preparado muito bem e se sentiram em condições de executar seu melhor desempenho, sendo o treinamento elaborado considerado essencial.

Quanto aos aspectos psicológicos, Durand-Bush e Salmela (2002) identificaram altos níveis de autoconfiança e motivação, vontade contínua de aprender e melhorar e uma forte ética de trabalho em estudos de atletas de elite. Em nosso estudo, a vontade de treinar, a superação do desgaste e a afirmação de que aquele grupo estava disposto a fazer o que fosse necessário para marcar aquela geração do basquetebol feminino brasileiro na história do esporte ficaram evidentes no discurso, assim como o desligamento do mundo exterior em prol dessa competição. Stambulova (1994), Peres e Lavisolo (2006) e Leite, Baker e Sampaio (2009) também encontraram que as conquistas esportivas estão associadas com a negligência de outros campos da vida, como abrir mão de outra carreira, contato com amigos, hobbies, começar sua própria família etc. Nos estudos de Sáenz-López et al. (2007) e Feu Molina et al. (2008) atletas de excelência do basquetebol espanhol manifestaram o mesmo desejo de dedicar-se e de vencer, ainda que conscientes das renúncias que o esporte exige.

Fatores psicológicos negativos também foram relatados, como a ansiedade e o panorama ruim em competições anteriores. Nesses momentos a liderança e confiança das atletas mais experientes e a lembrança da vitória nos Jogos Panamericanos foram mencionadas como fator motivador, reforçando a compreensão de que a experiência é determinante para alcançar a *expertise*. O mesmo se observa após as atletas serem campeãs do mundo: manifestaram confiança em sua capacidade de conquista, assim como confiança naquele grupo de atletas. Durant-Bush e Salmela (2002) destacam que a capacidade de lidar com os aspectos psicológicos da competição são fundamentais para a manifestação da excelência, sendo a experiência fator preponderante para a aquisição dessa habilidade. Gould, Dieffenbach e Moffett (2002) identificaram que uma preparação mental intensa e níveis superiores de engajamento e foco no evento são fundamentais para sua conquista.

Fatores de interação intragrupo também foram destacados: a boa interação entre os elementos da equipe, tanto das atletas entre si e entre comissão técnica e atletas se revelou determinante para o sucesso deste grupo. Para Newell (1986), a manifestação de desempenho de excelência depende de relações positivas entre elementos da equipe a partir de um aprendizado determinado pelo enfrentamento do sistema dinâmico que é cada atleta experiente com o sistema dinâmico da tarefa, assim como dos demais. Durand-Bush e Salmela, (2002), Paskevich et al. (2001) e Gould, Dieffenbach e Moffett (2002) também encontram a coesão do grupo um fator fundamental para o desempenho em diferentes momentos da carreira, em especial na de conquista de resultados. Gould, Dieffenbach e Moffett (2002), Holt e Dunn (2004), Sánchez et al. (2006); Baker e Côté (2006), Feu Molina (2008); Ferreira e Moraes (2010), Henriksen, Stambulova e Roessler (2010), Nunomura e Oliveira (2012) também destacam a relevância da relação treinador-atleta para a manifestação da excelência. A importância do suporte dos pares é ainda destacada nos estudos de Baker, Côté e Abernethy (2003), Holt e Dunn (2004), Morgan e Giacobbi (2006), Leite, Baker e Sampaio (2009), Ferreira e Moraes (2012) e Galatti et al. (2014).

Quando questionadas sobre as razões da descontinuidade de resultados, as atletas apresentaram três vertentes: gestão inadequada, a falta de formação de atletas e treinadores de basquetebol a partir do espelho da geração de excelência, e percepção de menor comprometimento das gerações sucessoras com o grupo da seleção nacional.

Em relação à carência na formação de novas jogadoras, de fato observamos uma reduzida participação de atletas de basquetebol feminino no território nacional, como destaca Antoneli et al. (2012): em 2011, apenas 686 jogadoras estavam inscritas em todas as categorias da competição estadual promovida pela Federação Paulista de Basketball. Portanto, se o principal estado formador não tem número relevante de atletas vinculadas às competições que sua Federação regional organiza observamos que a percepção das atletas se confirmou.

Quanto à relação das novas gerações com a seleção nacional ser diferente daquela estabelecida pela geração de excelência, isso parece estar associado com a própria profissionalização do esporte: as atletas entrevistadas viveram a transição do esporte amador para o profissional e o vínculo emocional e de identidade com a seleção se estabeleceu de forma genuína desde quando foram convocadas ainda jovens, portanto menos relacionado à profissão basquetebol, que ainda se desenhava. A partir da possibilidade de profissionalização no esporte e da oportunidade de ascensão social que o mesmo passou a representar, emerge na cultura esportiva no contexto brasileiro do esporte de federação transformações na sua estrutura, direcionando a prática para uma visão cada vez mais instrumental e utilitarista, estruturando suas ações com base nas leis de mercado, não só em atletas adultas, mas já nas categorias de formação (BENELLI; RODRIGUES; MONTAGNER, 2006; GONÇALVES; COSTA; RODRIGUES, 2008; GALATTI, 2010; PAOLI et al., 2010; LOBATO; DIAS; TEIXEIRA, 2012). Tais evidências estão melhor investigadas no futebol brasileiro e carecem de estudos no basquetebol, mas podem ser uma das razões de menor envolvimento de atletas dessa modalidade com as seleções nacionais: muitas atletas migram prematuramente para clubes no exterior em busca de melhores condições de treinamento e

financeiras. Neste contexto os atletas formam-se fruto dessa perspectiva, direcionando suas decisões na carreira pelo fator mercadológico, o que pode ser um aspecto que justifique uma visão mais individualista das atletas mais jovens, na perspectiva da geração de excelência que as antecedeu.

Parece urgir a criação de um ambiente favorável, multidisciplinar para o desenvolvimento integral do atleta a fim de que compreendam a complexidade do processo dinâmico que é o esporte (PHILLIPS et al., 2010), que desencadeia-se a partir das relações sociais estabelecidas pelos atletas na esfera interna e externa da Seleção e as competições que participa, surgindo como alicerces importantes no desenvolvimento esportivo. A literatura já indica essa preocupação para os clubes esportivos (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010) e a estendemos às seleções nacionais, que no atual contexto de globalização do mercado esportivo passam a ter que lidar com os interesses profissionais dos atletas que tem prevalecido ao interesse de defender a seleção nacional. A leitura do contexto formativo deve extrapolar as condições disponibilizadas para o desenvolvimento de comportamentos referentes ao resultado esportivo, contemplando os desdobramentos sociais, culturais, políticos, históricos e econômicos que norteiam as relações do atleta nos diferentes ambientes de convivência (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2011). Indicamos essa preocupação como importante nas seleções nacionais de base, pelas quais passam atletas em formação com potencial para compor a seleção adulta. A formação para ser atleta da Seleção Brasileira também precisa aparecer nas primeiras idades. Desta maneira, os resultados dessa investigação sugerem a necessidade de um trabalho de identificação e sentimento de pertencimento das atletas com a Seleção Brasileira, desde as primeiras categorias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de duas décadas da conquista do Mundial de basquete feminino e catorze anos após a conquista da última medalha olímpica do Brasil na modalidade, finalmente se buscou

evidências dos fatores determinantes para essas conquistas. Em síntese, na percepção das atletas foram fatores determinantes para o período de excelência do basquetebol feminino brasileiro: a boa relação entre comissão técnica e atletas, a adequação das condições de treinamento nos clubes, a estruturação dos treinamentos na seleção brasileira, um período de treinamento concentrado; acompanhamento nutricional, fisioterápico e inclusão de técnicas de treinamento mental; a continuidade do trabalho e das pessoas nele envolvido; a experiência do grupo; a capacidade de cada atleta de doar-se pelo grupo.

Por outro lado, o impacto pouco expressivo dessas conquistas no basquetebol feminino brasileiro é atribuído pelas atletas à gestão inadequada da modalidade por seus dirigentes e menor interesse das gerações mais recentes pela Seleção Brasileira. Assim, é sugerido que a partir da exposição de uma grande conquista esportiva é necessário que se estabeleçam processos de gestão na modalidade e ações de rememorar a história do basquetebol feminino a fim de manter o interesse de novos praticantes em uma prática de qualidade na modalidade e, por extensão, o esporte em nível de excelência.

Pelo discurso das atletas, as pessoas que compunham comissão técnica e atletas teve poucas alterações – exceto na conquista da medalha de bronze de 2000, com renovação maior entre as atletas – e que esse conjunto de pessoas reuniu condições organizativas (materiais e de liderança), técnicas (preparação cuidada e experiência competitiva) e afetivas que propiciaram o sucesso daquele grupo e não se repetiram. Não foram citados fatores como talento, a existência de um sistema estruturado de formação em longo prazo de atletas de basquetebol feminino ou de uma estrutura organizativa mais ampla da modalidade no país. Como expressam as atletas, tão pouco foi aproveitada a melhor (embora não ampla) exposição de mídia e recursos financeiros que a modalidade teve nesse período para se estruturar ações que solidificassem a formação de atletas e treinadores em longo prazo, o que está associado à decadência de resultados observada desde então do basquetebol feminino brasileiro.

Nossos resultados reforçaram a dimensão multifatorial e complexa da formação de equipes de excelência: a primeira consideração

importante é que, assim como a formação do atleta de excelência se estabelece em longo prazo, a formação de um grupo de resultados excelentes também está associada a uma preparação prolongada que envolve tanto a formação individual de cada atleta como a composição de uma equipe de características ótimas, tendo suporte de comissão técnica multidisciplinar. Em modalidades coletivas, tais características incluem adequado treinamento tático-técnico-físico, mas em igual medida deve ser considerado o processo de formação de grupos uma boa gestão de pessoas, necessitando de tempo para se estabelecer uma relação de complementariedade entre comissão técnica e atletas, com o estabelecimento de um ambiente favorável para o estabelecimento de objetivos comuns e adequação das necessidades de cada

atleta às demandas do conjunto, com o equilíbrio entre atletas experientes e jovens tendendo a ser benéfico para a composição de uma equipe de excelência.

Na América Latina há ainda escassez de estudos dessa natureza, no Brasil, a discussão acerca da formação de atletas de excelência se fortalece com a aproximação dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, mas temos poucas evidências científicas do percurso de carreira esportiva de nossos atletas nesse nível de desempenho. Os achados dessa pesquisa oferecem novos subsídios no contexto do esporte feminino, ainda menos investigado, mas é urgente a ampliação dos estudos acerca da temática nesse contexto, contribuindo com subsídios que favoreçam a formação de novos atletas de igual ou melhor nível.

DETERMINANTS OF EXCELLENCE IN FEMALE BASKETBALL: ACHIEVEMENTS OF THE BRAZILIAN SELECTION IN THE ATHLETES' VIEW

ABSTRACT

Considering the field of sports excellence, this study aims to investigate determining factors for the notable performances of a generation of the Brazilian national women's basketball team which won a world championship and an Olympic medal. In addition, this study also aims to identify reasons for this national team not to have maintained significant results in the following generations. For the methodology we used the Collective Subjective Speech to interview seven expert athletes. The results show that the set of factors that result in excellence performance is dynamic and complex, being decisive in this case: good relationship between coaching staff and athletes, appropriate training conditions with a multidisciplinary team, periods of concentrated training, group experience, and the ability of each athlete to give to the group. In regards to the decline in performance of this national team, we believe this is associated with inadequate management of basketball in Brazil, with little concern for the training and development of coaches and athletes, as well as apparent lower commitment of the new generations with the national team.

Keywords: Athletic performance. Excellence athletes. Basketball. Women.

REFERÊNCIAS

ANTONELLI, Mariana et al. Pedagogia do esporte e basquetebol: considerações para a elaboração de Programa Esportivo a Partir do Clube Divino Salvador, Jundiá-SP. *Conexões*, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 49-65, 2012.

ARAÚJO, Duarte. Promoting ecologies where performers exhibit expert interactions. *Internacional Journal of Sport Psychology*, Roma, v.38, no.7, p. 73-77, 2007.

BAKER, Joseph; CÔTÉ, Jean; ALBERNETHY, Bruce. Learning from the experts: practice activities of expert decision makers in sport. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, Illinois, v.74, no.3, p. 342-347, 2003.

BAKER, Joseph; CÔTÉ, Jean. Shifting training requirements during athlete development: deliberate practice, deliberate play and other sport involvement in the acquisition of sport expertise. In: HACKFORTH, Dieter; TENENBAUM, Gerson. *Essential processes for attaining peak performance*. Oxford: Meyer & Meyer, 2006. p. 92-109.

BALBINO, Hermes Ferreira. *Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas*: bases para uma proposta em pedagogia do esporte. 2001. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.

BENELLI, Leandro; RODRIGUES, Eduardo Fantato; MONTAGNER, Paulo César. O modelo de Brohm e a organização do basquetebol masculino brasileiro. *Conexões*, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 48-63, 2006.

BRUNER, Mark W. et al. An appraisal of athlete development models through citation network analysis. *Psychology of Sport and Exercise*, Amsterdam, v. 11, no.2, p. 133-139, 2005.

BRUNER, Mark W. et al. An appraisal of athlete development models through citation network analysis. *Psychology of sport and exercise*, Amsterdam, v. 11, no. 2, p. 133-139, 2010.

- CÔTÉ, Jean; ERICSSON, K. Anders; LAW, Madelyn P. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: a proposed interview and validation procedure for reported information. **Journal of applied sport psychology**, Abingdon, v. 17, no. 1, p. 1-19, 2005.
- CÔTÉ, Jean; STRACHAN, Leischa; FRASER-THOMAS, Jessica. Participation, personal development, and performance through sport. In: HOLT, N. L. (Ed.). **Positive youth development through sport**. London: Routledge, 2008. p. 34-45.
- CÔTÉ, Jean; LIDOR, Ronnie; HACKFORTH, Dieter. To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 7, no. 1, p. 7-17, 2009.
- DURAND-BUSH, Natalie; SALMELA, John H. The development and maintenance of expert athletic performance: perceptions of world and olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, Cardiff, v. 14, p. 154-171, 2002.
- FEU MOLINA, Sebastián et al. Evolución de las jugadoras en las selecciones españolas de baloncesto. **Apuntes Educación Física y Deportes**, Barcelona, v. 93, no. 3, p. 71-78, 2008.
- FERREIRA, Renato Melo; MORAES, Luiz Carlos de. Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros. **Motricidade**, Ribeira de Pena, v. 8, n. 2, p. 42-51, 2012.
- GALATTI, Larissa Rafaela. **Esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de estudo de caso em clube esportivo espanhol**. 2010. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.
- GALATTI, Larissa Rafaela et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.
- GONÇALVES, Julio César; COSTA, C. E.; RODRIGUES, Marcio Silva. **A mercantilização do futebol brasileiro**. Guarapari: Ex Libris, 2008.
- GOULD, Daniel; DIEFFENBACH, Kristen; MOFFET, Aaron. Psychological characteristics and their development in Olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, Cardiff, v. 14, no. 3, p. 172-204, 2002.
- HELSEN Werner F.; STARKES Janet L.; HODGES Nicola J. Team sports and the theory of deliberate practice. **Journal of Sport Exercise Psychology**, Champaign, v. 20, p. 12-34, 1998.
- HENRIKSEN, Kristoffer; STAMBULOVA, Natalia; ROESSLER, Kirsten Kaya. Successful talent development in track and field: considering the role of environment. **Scandinavian Journal of Medicine of Science Sports**, Malden, v. 20, p. 122-132, 2010. Sup. 2.
- HODGE, Thana Yvonne.; DEAKIN, Janice M. **Deliberate practice and expertise in the martial arts: the role of context in motor recall**. Queen's University: Kingston, 1998.
- HOLT, Nicolas L.; DUNN, John G. H. Toward a grounded theory of the psychosocial competencies and environmental conditions associated with soccer success. **Journal of Applied Sport Psychology**, Cardiff, v. 16, no. 3, p. 199-219, 2004.
- LEFÈVRE, Fernando; LEFRÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.
- LEITE, Nuno; BAKER, Joseph; SAMPAIO, Jaime. Paths to expertise in Portuguese national team athletes. **Journal of Sports Science and Medicine**, Bursa, v. 8, p. 560-566, 2009.
- LOBATO, Paulo Langes; DIAS, Tarcísio Rezende; TEIXEIRA, Marcos Marinho. Futebol: A importância das ferramentas de gestão para o sucesso do negócio. **Motricidade**, Santa Maria da Feira, v. 8, p. 240-248, 2012. Sup. 2.
- MATOS, Daniela S.; CRUZ, José Fernando A.; ALMEIDA, Leandro S. Excelência no desporto: para uma compreensão da arquitectura psicológica dos atletas de elite. **Motricidade**, Santa Maria da Feira, v. 7, n. 4, p. 27-41, 2011.
- MENEZES, Rafael Pombo; MORATO, Márcio Pereira; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Análise do jogo de handebol na perspectiva de treinadores experientes: categorias de análise ofensivas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 26, n. 1, p. 11-20, 2015.
- MORGAN, Taryn; GIACOBBI, Peter R. Toward two grounded theories of the talent development and social support process of highly successful collegiate athletes. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 20, p. 295-313, 2006.
- NEWELL Karl M. Constraints on the development of coordination. In: WADE, M.G.; WHITING, H. (eds). **Motor skill acquisition in children: aspects of coordination and control**. Boston: Martinus Nijhoff, 1986. p. 341-360.
- NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Maurício Santos. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz**, Rio Claro, v. 18 n. 2, p. 378-392, 2012.
- PAES, Roberto Rodrigues; GALATTI, Larissa Rafaela. Pedagogia do Esporte: o clube sócio-esportivo como uma nova possibilidade de ambiente. In: TANI, G. et al. (Org.). **Celebrar a Lusofonia: ensaios e estudos em Desporto e Educação Física**. 1. ed. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012. p. 421-442.
- PAES, Roberto Rodrigues; GALATTI, Larissa Rafaela. Pedagogia do Esporte: o esporte educacional no contexto do clube contemporâneo. In: GONÇALVES, C.E.B. **Educação pelo Desporto e Associativismo Desportivo**. Porto: Edições Afrontamento, 2013. p. 85-110.

- PAOLI, Prospero Brum et al. Representações identitárias no processo de seleção de talentos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 135-150, 2010.
- PASKEVICH, David et al. Group cohesion in sport and exercise. **Handbook of sport psychology**, Alberta, v. 3, p.472-494, 2001
- PERES, Lila; LAVISOLO, Hugo. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2 sem. 2006.
- PHILLIPS, Elissa et al. Expert performance in sport and the dynamics of talent development. **Sports Medicine**, Canberra, v. 40, p. 271-283, 2010.
- PHILLIPS, Elissa et al. Expert performance in sport and the dynamics of talent development. **Sports Medicine**, London, v.40, no.4, p.271-283, 2010.
- SÁNCHEZ, Mauro. **El proceso de llegar a ser experto en baloncesto**: un enfoque psicosocial. Tesis Doctoral inédita. Toledo. Universidad de Castilla la Mancha, 2002.
- SÁNCHEZ, Mauro Sánchez et al. El desarrollo de la pericia en baloncesto: claves para la formación del jugador de alto rendimiento. **Apunts**, Barcelona, p.52-60, 2006.
- SAÉNZ-LÓPEZ, P. et al. La autorpercepción de las jugadoras baloncesto experto respecto a sus procesos de formación. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, Murcia, v.7, n.3, p.35-41, 2007.
- SANTANA, Wilton Carlos. **A visão estratégica de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal**. 2008. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.
- STAMBULOVA, Natalia. Developmental sports career investigations in Russia: a post-perestroika analysis. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.8, p.221-237, 1994.
- STARKES, Janet L. et al. **Deliberate practice in sports**: what is it anyway. The road to excellence: the acquisition of expert performance in the arts and sciences, sports, and games. [S.l.]:Lawrence Erlbaum Associates, 1996.
- SCHIAVON, Laurita Marconi; PAES, Roberto Rodrigues. Condições dos treinamentos de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004). **Motriz: Revista de Educação Física (Online)**, Maringá, v. 18, p. 757-769, 2012.
- SCHIAVON, Laurita Marconi et al. Panorama da ginástica artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, p. 423-436, 2013.
- STRACHAN, Leisha.; CÔTÉ, Jean; DEAKIN, Janice. A new view: exploring positive youth development in elite sport contexts. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**. [S.l.], v.3, no.1, p.9-32, 2011.

Recebido em 24/01/2015

Revisado em 13/06/2015

Aceito em 16/07/2015

Endereço para correspondência: Larissa Rafaela Galatti. Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp - R. Pedro Zaccaria, 1300 - Caixa Postal 1068, CEP 13484-350 - Limeira - São Paulo. EMAIL: larissas.galatti@fca.unicamp.br.